



Variação linguística: uma perspectiva da sociolinguística educacional

Linguistic variation: a perspective of educational sociolinguistics

Fiama Aparecida Vanz¹
Marlete Sandra Diedrich²

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo principal compreender a relação entre princípios advindos da Sociolinguística e o ensino de Língua Materna, bem como refletir sobre o processo de ensino/aprendizagem, aprofundando a discussão de questões relacionadas à variação linguística no âmbito escolar, buscando aperfeiçoar as metodologias de ensino. Este estudo valhe-se de uma abordagem metodológica de cunho qualitativo e bibliográfico, uma vez que pretende desenvolver conhecimento teórico sobre a Sociolinguística Educacional articulando esses princípios com elementos práticos do ensino de língua. Para tanto, busca-se construir uma proposta de intervenção pedagógica, a fim de incentivar os professores a desenvolver suas práticas pedagógicas pautando-se na língua em uso, nas situações comunicativas, a fim de aperfeiçoar a competência comunicativa dos alunos. Trata-se de uma proposta ainda não aplicada que deve ser adaptada conforme o contexto extralinguístico no qual a comunidade escolar está inserida, para então tornar-se de fato uma intervenção. Por ora, objetiva fazer pensar acerca da sua viabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística Educacional; Variação Linguística; Proposta de Intervenção.

ABSTRACT: This study has as main purpose to comprehend the relation between elements resulting from Sociolinguistic and the education of Native Language, as well as to motivate a reflection about the process of teaching-learning to make a deeper discussion about linguistic variation issues in the school context, to improve teaching methodologies. This study makes use of a methodological approach of qualitative and bibliographic character, since it aims to develop theoretical knowledge about Educational Sociolinguistics, articulating these aspects with practical elements of teaching languages. For so, is sought the development of an education intervention proposal, in order to motivate the teachers to expand their educational practices, based on language use, communicative situations, to improve the students communicative competence. It refers to a proposal that has not been applied yet, and that should be adapted according to the extra linguistic context, in which learning community is inserted, becoming then a real intervention. For now, the aim is to encourage thoughts about its viability.

KEY-WORDS: Educational Sociolinguistics; Linguistic Variation; Interventional Proposal.

1 Licenciada em Letras: Português, Inglês e Respectivas Literaturas pela Universidade de Passo Fundo e Pós-Graduada em Linguagens e Tecnologias na Educação pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense.

2 Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo.



INTRODUÇÃO

Com o passar do tempo, a realidade escolar tornou-se multicultural por configurar um espaço onde os primeiros contatos com o diferente ocorrem de fato. Dentre as diferenças presentes nesse contexto, destaca-se a variação linguística.

Por essa razão, um novo campo de ação está sendo ampliado. De acordo com Bortoni-Ricardo (2004b), a realidade e a prática escolar demonstram que os estudos da Sociolinguística voltados para a educação podem vir a contribuir de forma significativa para aperfeiçoar a qualidade do ensino, pois abordam fenômenos da língua em uso, embasando-se na relação entre sociedade e linguagem. Sendo assim, o objetivo principal deste artigo é apresentar uma reflexão sobre como ocorre a relação entre princípios advindos da Sociolinguística e o ensino de Língua Materna, o que nos leva a refletir sobre o processo de ensino/aprendizagem, aprofundando a discussão de questões relacionadas à variação linguística no âmbito escolar.

As reflexões aqui apresentadas buscaram aporte teórico em estudos de Mollica (2012), a respeito de conceitos que permeiam a Sociolinguística e o tratamento da variação. Algumas noções acerca de aspectos sociais referentes ao preconceito linguístico e a educação linguística também se fazem necessárias nesse processo. Dessa forma, as concepções de Bagno (2002) e de Marcuschi (1997) servirão de subsídios. Entretanto, o principal aporte teórico encontrado fundamenta-se nas teorias de Bortoni-Ricardo (2004a), referentes à variação correlacionada ao contexto escolar e aos contínuos de análise das variedades linguísticas brasileiras, os quais embasarão a proposta de intervenção, que será elaborada.

Este trabalho está estruturado em dois capítulos. O primeiro faz uma retomada de questões relacionadas a Sociolinguística Educacional, além de discorrer sobre a variação linguística pelo viés dos três contínuos de análise das variedades linguísticas brasileiras elaborados por Bortoni-Ricardo (2004a), o contínuo rural urbano, o contínuo de oralidade-letramento e o contínuo de monitoração estilística, a fim de auxiliar os educadores na sua prática diária de sala de aula.

O último capítulo está subdividido em duas seções. A primeira delas faz uma análise-reflexiva de acerca do corpus, composto por três vídeos do projeto “Aprendemos de todos os jeitos”, desenvolvido pela rede Marista de ensino. Esse corpus é analisado pelo viés dos contínuos de Bortoni-Ricardo (2004a), referidos na primeira parte do estudo, visando servir de base para a proposta de intervenção subsequente.



A segunda seção traz uma proposta de intervenção pedagógica a fim de ilustrar perspectivas de trabalho a partir da Sociolinguística Educacional. Ressalta-se, entretanto, que trata-se de uma proposta ainda não aplicada e que, seguramente, exige complementações de acordo com o contexto no qual a escola está inserida. Essa proposta constitui-se como importante elemento, pois abarca questões referentes ao estudo e reflexão do material bibliográfico anteriormente citado, além de oportunizar a reflexão crítica acerca das variedades linguísticas existentes, principalmente no âmbito escolar.

1. PERSPECTIVAS DA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL

A Sociolinguística Educacional atenta para os fenômenos de variáveis linguísticas presentes na Língua Portuguesa e implicados diretamente no ensino dessa língua na escola. Essa corrente, além de levar em conta os fatores inerentes a toda mobilização da linguagem, como questões fonológicas, morfológicas e sintáticas, considera os fatores externos, como a faixa etária, a classe social, a escolaridade, o sexo e a cultura, dentre outros. Esses elementos extrínsecos contribuem em grande proporção com a compreensão do funcionamento da língua como um todo.

Trata-se de uma área que vem se destacando à medida que as preocupações em relação à qualidade do ensino e à busca por metodologias que compreendam não somente o conteúdo programático, mas também a realidade na qual o aluno e a escola estão inseridos vêm aumentando.

Ao partilhar da mesma ideia defendida por Bagno (2004a), acredita-se que é de extrema importância, a escola como um todo e essencialmente os professores de Língua Materna, comprometerem-se em

converter a sociolinguística num instrumento de luta contra toda forma de discriminação e de exclusão social pela linguagem. Porque não basta descrever e analisar as relações entre língua e sociedade, é preciso, também, transformá-la. (BAGNO, 2004a, p. 10).

O ensino eficaz da Língua Materna apoiado nas perspectivas da Sociolinguística Educacional preocupa-se principalmente em abordar fenômenos da língua em uso, sem estigmatizar o diferente e sem deixar de lado a relação entre sociedade e língua, características essas que permeiam cada vez mais o ensino.

No rol de estudos desta ramificação da Sociolinguística, encontram-se sobretudo temas relacionados à variação linguística, na sua universalidade, e a variabilidade da língua relacionada, especialmente, ao ensino de Língua Materna. Essas temáticas embasam de forma



aprofundada as reflexões acerca das instâncias Sociolinguísticas Educacionais, dessa forma faz-se necessário compreender mais a fundo de que forma é possível percebê-las e compreendê-las tendo em vista que diversas dessas variáveis são mobilizadas ao mesmo tempo e em um mesmo espaço: o escolar.

1.1. ANÁLISE DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS BRASILEIRAS: OS CONTÍNUOS DA VARIAÇÃO

No âmbito da Sociolinguística Educacional, uma das principais preocupações se dá em relação às variáveis linguísticas presentes no nosso idioma e da sua estreita relação com o ensino de Língua Materna. Partindo dessas premissas, Bortoni-Ricardo (2004a) propõe algumas questões que facilitam a compreensão a respeito da variação linguística existente no nosso idioma. Para isso, ela sugere que os leitores pressuponham três linhas imaginárias, denominadas de contínuos: o contínuo de urbanização, o contínuo de oralidade-letramento e o contínuo de monitoração estilística.

Através dos contínuos é possível enquadrar e analisar qualquer falante da Língua Portuguesa. Esses indivíduos são analisados conforme fatores determinados, tais como idade, sexo, ocupação, origem étnica e demográfica e atitude ao comportamento linguístico, fatores como estes, segundo Alkmin (2004) provém dos estudos de Willian Labov, que sublinha o papel determinante que os fatores sociais têm se tratando de variação linguística.

Bagno (2004a) ao prestar suas contribuições em relação ao trabalho desenvolvido por Bortoni-Ricardo (2004a), através do prefácio do livro *Educação em língua materna*, reflete algumas questões muito interessantes a respeito da proposta dos contínuos. O linguista salienta que,

no plano teórico, a contribuição decerto mais significativa do trabalho de Bortoni-Ricardo é a proposta de um instrumental de análise das variedades linguísticas brasileiras composto por três contínuos: o contínuo rural urbano, o contínuo de oralidade-letramento e o contínuo de monitoração estilística. Com ele, a autora procura, e consegue! eliminar as deficiências dos modelos teóricos convencionais que se fixavam apenas em um ou outro desses contínuos ou, pior, analisavam dicotomicamente (e de forma maniqueísta) os fenômenos linguísticos pelo viés do preconceito social embutido na ideologia normativo-prescritiva. A aplicação desse novo modelo em sala de aula representa, sem dúvida, uma promessa de renovação das práticas pedagógicas de educação em língua materna (BAGNO, 2004a, p. 10).

Os contínuos propostos pela autora, e os quais serão explicitados com mais cuidado a seguir, pretendem analisar as principais características das variedades linguísticas faladas pelos brasileiros, levando em conta a sua origem social, valorizando as variantes disponíveis no seu repertório lexical, assim como a forma como elas são empregadas nas mais diversas situações e contextos.

1.1.10 CONTÍNUO DE URBANIZAÇÃO

Com o passar do tempo, a população brasileira cresceu muito e houve uma intensa migração do campo para as cidades. É com base nessa concepção que Bortoni-Ricardo (2004a) estabelece o contínuo de urbanização, em que todos os falantes do português brasileiro podem ser situados, se levar em conta a região onde o sujeito nasceu e vive, tal como os seus antecedentes e atributos. Nesse contínuo, a autora estabelece um contraponto entre os falares rurais mais isolados, em função das dificuldades geográficas, e os falares urbanos que foram influenciados, ao longo do processo sócio histórico, pelas “agências padronizadoras da língua” (BORTONI-RICARDO, 2004a, p. 52), ou seja, por forças centrípetas como a escola, os meios de comunicação em massa e a literatura.

No espaço mediador entre as variedades rurais isoladas e as variedades urbanas padronizadas, está localizada a zona rurbana. Esta é formada pelos

migrantes de origem rural que preservaram muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas [...] submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária. (BORTONI-RICARDO, 2004a, p. 52).

É de grande valia salientar que no contínuo de urbanização, as fronteiras que separam os falares rurais, rurbanos os urbanos são sobrepostas, elas se fundem. No entanto, apesar de serem chamados de contínuos, em dadas situações alguns traços, ou seja, algumas expressões utilizadas nos pontos rurais isolados têm, em relação às variedades urbanas padronizadas, uma distribuição descontínua, pois os usos de tais expressões são irregulares nas áreas urbanas, contudo outros lineamentos têm uma distribuição gradual, estão presentes na fala de todo brasileiro, seja qual for a sua localização.

Não existe superioridade de uma variedade sobre as demais, esse é um mito que deve ser combatido. A variação regional (ou dialetal) trata de diferenças de pronúncia de alguns sons, na melodia, no ritmo de falar daquela comunidade e em algumas palavras. No entanto, é necessário ter clareza que



toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, [...] um recurso que confere identidade a um grupo social. Ser nordestino, ser mineiro, ser carioca etc. é um motivo de orgulho para quem o é, e a forma de alimentar esse orgulho é usar o linguajar de sua região e praticar seus hábitos culturais. (BORTONI-RICARDO, 2004a, p. 33).

Na escola, é importante que o docente esteja atento e busque sempre fazer um trabalho com questões referentes às diferenças sociais e/ou regionais representadas nesse contínuo, pois, alguns indivíduos quando chegam à escola sentem-se inseguros e com muitas dificuldades de comunicação, simplesmente por suas características linguísticas serem muito marcadas e visivelmente diferentes das que se encontram nos domínios escolares.

1.1.2 O CONTÍNUO DE ORALIDADE-LETRAMENTO

Na sociedade brasileira, há o predomínio de diferentes culturas, à semelhança do que ocorre com muitas outras. Ao referir-se a linguagem, é possível detectar a presença de duas delas, a cultura de letramento e a cultura de oralidade. Tanto uma como a outra são imprescindíveis, o importante é “não confundir seus papéis e seus contextos de uso, e de não discriminar os seus usuários.” (MARCUSCHI, 1997, p. 123).

Bortoni-Ricardo (2004a) propõe um segundo contínuo, no qual estão dispostos os eventos de comunicação, ou seja, os eventos de oralidade e de letramento. Os eventos de oralidade não têm influência da língua escrita e podem ser compreendidos como práticas sociais que se apresentam sob diversos suportes, ou seja, diversos gêneros textuais, que podem ser formais ou informais, dependendo do contexto de uso. Estes são adquiridos de maneira natural e informal, pois todos os indivíduos são seres eminentemente orais. A oralidade, segundo Marcuschi (2003), enquanto prática social é inerente ao ser humano, pois tem uma realização multissistêmica, que vai além das palavras, compreendendo gestos, expressões, etc.

Os eventos de letramento são utilizados para designar um acervo cultural preservado por meio da escrita, portanto, apoiam-se em textos escritos, sendo que estes designam-se como base, “é pautada pela língua padrão, não é estigmatizadora e não serve como fator de identidade individual ou grupal” (MARCUSCHI, 2003, p. 36). Dizem respeito ao uso da escrita na sociedade desde uma apropriação mínima da escrita, como o indivíduo analfabeto, mas que “sabe o valor do dinheiro, sabe o ônibus que deve tomar, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas e sabe muitas outras coisas, no entanto não lê jornal nem escreve



cartas”, até o indivíduo que “desenvolve tratados de Filosofia e Matemática.” (MARCUSCHI, 1997, p. 126). Os eventos de letramento são adquiridos em contextos formais, como a escola, por isso tem um caráter de prestígio.

Tal como no contínuo de urbanização, não existem fronteiras rígidas que separam um evento do outro, em determinadas situações comunicacionais eles são sobrepostos. Um evento de letramento pode ser intermediado por outros pequenos eventos de oralidade.

É interessante notar que, se a fala pode facilmente levar à estigmatização do indivíduo, com a escrita isso acontece bem menos. Parece que a fala, por atestar a variação em geral, pauta-se por algum desvio da norma, tem caráter identificador. É possível que identidade seja um tipo de desvio padrão da norma. (MARCUSCHI, 1997, p. 135).

Faz-se de grande valia analisar que a transição de um espaço social para outro, do domínio do lar para o meio escolar, por exemplo, é também “uma transição de uma cultura predominantemente oral para uma cultura permeada pela escrita, [...] a cultura de letramento” (BORTONI-RICARDO, 2004a, p.24). Esse momento de transição é de extrema importância para o sujeito, dessa forma, pais e professores têm o papel de compreender que, tanto a oralidade quanto o letramento, são duas modalidades diferentes de uso da língua, para que possam então auxiliar de forma significativa, seus alunos e filhos, nos momentos de necessidade e insegurança perante as mobilizações de linguagem.

1.1.3 O CONTÍNUO DE MONITORAÇÃO ESTILÍSTICA

O terceiro e último contínuo proposto por Bortoni-Ricardo (2004a) compreende desde as interações totalmente espontâneas de linguagem até as que são previamente planejadas e que exigem assim, mais atenção e monitoração por parte do indivíduo. Os sujeitos utilizam de estruturas mais polidas conforme a situação exige. Como ressalta Bortoni-Ricardo (2004a) são três os principais fatores que instigam os enunciadores a monitorar o estilo, podendo ser o ambiente em que se encontram, o interlocutor a quem se referem e o tópico da conversa, que compreende assuntos do cotidiano ou termos mais técnicos.

Cada grupo social estabelece um contínuo de situações cujos pólos extremos e opostos são representados pela *formalidade e informalidade*. [...] As variedades linguísticas utilizadas pelos participantes das situações devem corresponder às expectativas sociais convencionais: o falante que não atender às convenções pode receber algum tipo de ‘punição’, representada,



por exemplo, por um franzir de sobrancelhas (ALKMIN, 2004, p. 37, grifo do autor).

As variações estilísticas são resultado das adequações feitas pelo sujeito, dentro das interações verbais, tendo em vista sempre a finalidade e o contexto de enunciação. Assim como diz Camacho (2008, p. 61) “o indivíduo necessita ter, interiorizadas em sua competência linguística, as formas alternativas padrão e não-padrão sobre as quais ele pode operar a seleção conforme variam as circunstâncias de interação.” Portanto, o grau de monitoração facultado pelo indivíduo em sua fala depende estritamente dos recursos comunicativos que mantém interiorizados e que foram adquiridos ao longo da vida, através dos contatos com a linguagem oral e também com a linguagem escrita.

Na sala de aula, os educadores precisam mobilizar diversos mecanismos para atrair a atenção dos educandos, e também para conseguir fazer-se compreender nas diversas situações que se encontra diariamente, para isso utiliza também os diversos graus de monitoração da linguagem. Como reconhece Bortoni-Ricardo (2004a, p. 26) em uma das suas pesquisas: “Nos eventos de letramento, constatamos um alto grau de monitoração na linguagem do professor. Já nos eventos de oralidade, os professores se monitoravam menos e eram mais coloquiais.”. Ao explicar conceitos novos que exigem uma linguagem mais conservadora e mais séria, o educador baseia-se em eventos de letramento e utiliza uma linguagem mais monitorada, no entanto em uma conversa no final da aula ou em uma retomada rápida da aula anterior, o educador utiliza eventos de oralidade, com uma linguagem menos monitorada, aproximando-se assim dos aprendizes. O docente também deve ter muito cuidado ao utilizar estruturas muito polidas na sala de aula, pois isso contribui com o desenvolvimento da insegurança linguística nos alunos, além do distanciamento relacional.

Em suma, o grande papel do trabalho com os contínuos na sala de aula é auxiliar na reflexão de que as variedades linguísticas são fatores de identidade social, pois o meio em que o sujeito vive contribui de forma significativa com o uso (ou não) de tal variante linguística. Além de fazê-los compreender que as diversidades podem ser empregadas nas mais diversas situações, sempre tendo em vista o efeito que se quer produzir, o contexto de fala e o gênero do discurso a ser mobilizado. Esses três eixos devem embasar toda e qualquer aula de Língua Portuguesa.



2 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Com base na fundamentação apresentada até aqui, ousamos delinear uma proposta de intervenção de ensino de língua que leve em consideração os princípios advindos da Sociolinguística Educacional.

Faz-se de extrema necessidade salientar que se trata de uma proposta ainda não aplicada, que, certamente, exige complementações que dependerão dos fatores extralinguísticos que caracterizam a relação do sujeito com o contexto escolar. E essas só poderão ocorrer no futuro, quando a proposta que aqui se apresenta se configurar de fato em intervenção. Por ora, objetiva fazer pensar acerca da sua viabilidade.

2.1 ANÁLISE DO MATERIAL BASILAR

O *corpus* que embasará a proposta de intervenção integra o projeto “Aprendemos de todos os jeitos”, desenvolvido pela rede Marista de ensino e tem como objetivo incentivar as múltiplas aprendizagens. A iniciativa parte do pressuposto de que existem muitos jeitos de aprender e que todas as pessoas têm algo a ensinar.

Através da captação de diferentes formas de aprender, instaura-se a concepção de aprendizagem colaborativa, que, segundo Freitas (2009),

é considerada um recurso na área da educação ou uma estratégia. Os participantes trazem experiências e conhecimentos diversificados, previamente adquiridos ou construídos e interagem para criar um conhecimento compartilhado. [...] No contexto da aprendizagem colaborativa são propiciadas situações de aprendizagem nas quais todos aprendem com todos; isso ocorre em um ambiente cujas características são a ausência de hierarquia formal, o respeito mútuo às diferenças individuais e a liberdade para expor idéias e questionamentos. Os objetivos pessoais se combinam com os objetivos coletivos (FREITAS, 2009, p. 1).

A aprendizagem nessa concepção é uma transação constante de conhecimentos e experiências, além de ser oportunizadora de momentos de ensinar e de aprender com o outro. Trabalhar colaborativamente é também valorizar a cultura do diferente.

O intuito com essa breve análise é de ponderar acerca da diversidade linguística, fazendo uma sistematização e um enquadramento de fatores, partindo dos contínuos das variedades linguísticas brasileiras, propostos por Bortoni-Ricardo (2004a): o contínuo de urbanização, o contínuo de oralidade-letramento e o contínuo de monitoração estilística.

Foram três os vídeos selecionados para comporem este *corpus* de análise. Nos três vídeos há variação linguística de uma forma bem particular. O primeiro vídeo “Como fazer pipoca doce” tem como enunciador um senhor de meia idade que apresenta marcas linguísticas características da variação dialetal (ou regional) providas do sertão, na zona norte do país. É possível inferir essas questões pela maneira como ele se expressa, pelo ritmo de fala, além das questões linguísticas propriamente ditas. Respaldando-se pela fundamentação teórica eleita, esse falante pode ser enquadrado no contínuo de urbanização. Esse contínuo leva em consideração a região onde o sujeito nasceu em relação àquela que ele atualmente vive, assim como seus antecedentes e atributos.

Ao fazer uma análise mais cuidadosa a respeito das variantes linguísticas empregadas, e levando em conta o fator extralinguístico, observa-se que o enunciador, dentro do contínuo, está disposto na zona rurbana, por ser um migrante de origem rural que “tem preservado muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico” (BORTONI-RICARDO, 2004a, p. 52). Algumas expressões como *cuié*, *cumeçar* e *precisa pa fazê* são marcas “típicas dos falares situados no polo rural e vão desaparecendo à medida que nos aproximamos do polo urbano” (BORTONI-RICARDO, 2004a, p. 53), sendo assim, podem ser considerados como traços descontínuos.

Faz-se de extrema importância salientar que as marcas do dialeto rural, bem como o sotaque são muito pulsantes no sujeito enunciador, principalmente pelo fato de ser um senhor com mais idade. As características de uso da língua já estão fortemente arraigadas e provavelmente são cultuadas pela comunidade de relações a que esse sujeito pertence.

O segundo vídeo que compõe o *corpus* de análise é intitulado “Como montar uma rádio”. Tem como enunciadores três adolescentes, que utilizam a linguagem de uma maneira despojada.

Dentre os contínuos estudados, os falantes (doravante F1, F2, F3) desse *corpus* podem ser situados no contínuo de urbanização e no contínuo de monitoração estilística. Em relação ao primeiro contínuo citado, os adolescentes situam-se na zona urbana, sem antecedentes rurais. Todos eles utilizam o dialeto padrão culto, através de um estilo coloquial. A característica regional é bem marcada em função do pronome tu, que apresenta uma conduta diversificada quanto a concordância verbal, em que o verbo não é flexionado, como é notado nos F1 e F3, nas expressões *tu vai*, *tu podi*, *tu acha*, *tu tem*. Essa característica é peculiar do falar Rio-grandense.

No segundo contínuo no qual os falares podem ser enquadrados, percebe-se que o grau de monitoração linguística ocorre em função de alguns fatores como: o tópico temático do



qual se fala, o interlocutor a quem se dirige e o espaço no qual a situação de fala se constrói. No vídeo analisado, nota-se que ambos os falantes sentem-se à vontade com a rede temática tratada, pois a proposta do projeto em partilhar algum conhecimento já dominado e experienciado, permite esse conforto. Por ser um vídeo, o interlocutor não está presente fisicamente, dessa forma o retorno positivo e/ou negativo não é concedido no ato da enunciação, mas posteriormente, o que traz uma sensação de despreocupação àquele que fala. Por fim, em relação ao espaço da situação de fala, repara-se certa intimidade entre os adolescentes, o que cria uma situação agradável e segura, permitindo que os indivíduos utilizem uma linguagem menos monitorada.

Em situações de descontração, em que seus interlocutores sejam pessoas que ele ama e em que confia, o falante vai sentir-se desobrigado de proceder a uma vigilante monitoração e pode usar estilos mais coloquiais. Em todos esses processos, ele tem sempre de levar em conta o papel social que está desempenhando. (BORTONI-RICARDO, 2004a, p. 73).

É necessário salientar que o F2 diferencia-se dos demais em alguns aspectos, primeiramente por não apresentar variações regionais e em um segundo momento, é perceptível um maior grau de monitoração estilística, ao passo que, em contraponto aos outros indivíduos, todos os /r/ finais são devidamente pronunciados. A título de exemplificação tem-se as expressões *formar, ter, para gravar* do F2, em confronto à *falá, botá, testá, divulga e rodá* do F1 e F3. É notável, que praticamente em todas as manifestações orais da Língua Portuguesa, há perda do /r/ final, especialmente nos estilos não monitorados.

Em comparação ao *corpus* anterior, constata-se uma postura diferente ante a língua. Por serem adolescentes tendem a adaptar-se melhor às situações comunicacionais, a utilizar as competências comunicativas de forma mais abrangente. Observa-se também que as variantes regionais não estão tão enraizadas na linguagem como no caso anterior, tanto que um dos jovens não possui essa característica.

O último *corpus* em análise é o vídeo “Como fazer suco verde”, os enunciadores são crianças em fase de alfabetização, (doravante tratadas como C1 e C2). Desse modo, ainda não incorporaram nenhuma variação linguística específica, portanto, não é detectada a presença de variações regionais, pois,

as pessoas vão adquirindo recursos comunicativos à medida que vão ampliando suas experiências na comunidade onde vivem e passam a assumir diferentes papéis sociais. Mas a escola tem um papel muito importante na aquisição desses recursos. [...] É papel da escola, portanto, facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos, permitindo-lhes



apropriarem-se dos recursos comunicativos necessários para se desempenharem bem, e com segurança nas mais distintas tarefas linguísticas. (BORTONI-RICARDO, 2004a, p. 74).

Tendo em vista isso, é possível enquadrá-los no contínuo de oralidade-letramento, em específico no polo da oralidade, que são adquiridos de forma natural e informal, pois a interação não foi mediada pela língua escrita. As crianças estão em fase de transição de uma cultura preponderantemente oral para uma cultura de escrita. Alguns vocábulos são ditos com dificuldades, demonstrando essa fase de aquisição, como: *Hulki*, *Shurek* e *litiqdificcador* pela C1 e *lifitudificador* pela C2. Extraíndo essas exceções, percebe-se que, por mais que as crianças não sejam totalmente letradas, elas fazem o uso perfeito de todas as estruturas linguísticas, pois “a fala (enquanto manifestação da prática oral) é adquirida naturalmente em contextos informais do dia-a-dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê.” (MARCUSCHI, 2003, p. 18).

Em contraponto aos outros dois *corpus* de análise, é possível notar que as crianças, por estarem em fase de inserção ao mundo letrado, de descobrimento de outra instância de linguagem, que é permeada pela escrita, ainda não dominam a cultura de letramento de forma íntegra, por isso elas são mais cautelosas, principalmente em contraponto aos adolescentes, ao utilizar a linguagem. Elas falam somente o essencial, em muitas sentenças não utilizam elos de ligação, somente o vocábulo como em laranja, espremedor, *covi*, açúcar, mas que dentro da situação de enunciação obtém sentido pleno. Em suma, ressalta-se que as crianças utilizam a língua de forma pausada e muito reflexiva.

Partindo das reflexões analisadas, apresentamos na sequência a proposta de intervenção pedagógica propriamente dita. A aplicação da proposta não se destina a um ano escolar em específico, pois acredita-se que a variação linguística é um elemento importante de ser trabalhado em qualquer ano escolar, desde que com o enfoque apropriado para a maturidade e para os conhecimentos já adquiridos pela turma. Em suma, é importante salientar a necessidade de adaptar qualquer um dos momentos expostos a realidade extralinguística na qual a escola e os aprendizes estão inseridos.

2.2 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: UM TRABALHO COM VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Pensar em uma proposta de intervenção que abarque os fenômenos linguísticos presentes na escola é de suma importância, no entanto deve levar em conta a estrutura escolar,



e os documentos que regem essa realidade. Em função disso, optou-se por partir de um gênero textual, perspectiva muito defendida pelos PCN (BRASIL, 1998), além estabelecer uma rede temática.

Em função dos aspectos destacados no embasamento teórico, em relação ao preconceito e à diversidade existente, objetiva-se também um trabalho de reconhecimento do outro como aquele que agrega valores, que tem uma histórica rica e instrutiva, “o conhecimento das outras culturas torna-nos, pois, conscientes da singularidade da nossa própria cultura mas também da existência de um patrimônio comum ao conjunto da humanidade.” (DELORS, 1998, p. 48). Partindo dessa premissa, em todos os momentos essas trocas serão oportunizadas, o trabalho, o contato e a discussão em pequenos e grandes grupos será uma preocupação constante ao longo do trabalho aqui proposto. Pois,

parece, pois, que a educação deve utilizar duas vias complementares. Num primeiro nível, a descoberta progressiva do outro. Num segundo nível, e ao longo de toda a vida, a participação em projetos comuns, que parece ser um método eficaz para evitar ou resolver conflitos latentes. [...] A educação tem por missão, por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da inter-dependência entre todos os seres humanos do planeta. (DELORS, 1998, p. 97).

Partindo disso, a rede temática proposta é: Aprendemos de todos os jeitos, aprendemos com o diferente, esse tema faz referência ao projeto destacado anteriormente, do qual o *corpus* de análise foi obtido, e também abarca a proposta do compartilhamento de conhecimentos, além de promover um elo com as atitudes de respeito ante as diferenças, linguísticas especialmente.

O primeiro momento da proposta compreende a reflexão conjunta com os educandos acerca das habilidades individuais, dos talentos que cada um possui. O intuito é fazê-los pensar sobre o que sabem fazer de bom, sobre as atividades que realizam naturalmente e que outras pessoas têm dificuldade de fazer, dentre outras questões que estimulem as crianças a meditar sobre esses fatores.

Após essa introdução, pode-se pedir para que cada criança escreva em um papel uma das habilidades que possui, o educador recolhe e lê para a turma, sem identificar o aluno, de modo que eles percebam que, em uma única sala de aula, existem múltiplas trocas de conhecimento que poderiam ser oportunizadas. É relevante levá-los a pensar a respeito do quão bom seria aprender algo que não se sabe com um colega, e também ter a oportunidade de ensinar. Frisar o fato de que todas as pessoas têm algo a ensinar e a aprender, o quão



interessante é trocar e compartilhar conhecimentos, além outras questões que o educador achar pertinente.

Na segunda etapa será apresentado o projeto “Aprendemos de todos os jeitos”, desenvolvido pela rede Marista de ensino, através da reportagem “Estúdio Móvel em Passo Fundo”, realizada por Raquel Tramontini, da UPF TV, e reproduzida em diversos meios de comunicação em outubro de 2014. Essa reportagem deve ser discutida com os alunos, retomando elementos tratados na reportagem e enfatizando o que é o projeto e como ele funciona.

Logo em seguida, os três vídeos que compõem o *corpus* de análise serão apresentados. Os vídeos serão investigados, em primeira instância, em relação às habilidades que as pessoas possuem, conforme trabalhado anteriormente, se realmente o que está sendo ensinado tem utilidade, se é possível compreender as instruções dadas, etc. Em uma segunda etapa, os vídeos serão explorados com os alunos tendo em vista as perspectivas linguísticas, as variedades expressas, tal como foi feito na análise do *corpus*, contudo de forma adaptada ao contexto escolar, a faixa etária e a maturidade dos alunos.

Esse trabalho de reflexão deve ser pautado pelos conhecimentos que os alunos já têm sobre as variantes linguísticas, se eles nunca tiveram acesso a esse tipo de denominação, cabe ao docente retomar e aprofundar esses conceitos, ressaltando a ideia de que toda língua humana e toda comunidade de fala é heterogênea, ou seja, é permeada pelas diversas variedades linguísticas e que portanto, é um equívoco tachar certas mobilizações de língua como certas ou erradas; e que essas variantes compõem-se através de aspectos extralinguísticos, assim como a idade, o grau de escolarização, o fator geográfico, etc. É interessante também abordar e exemplificar aspectos extraescolares, buscando outras ocorrências reais em que as variantes são expressas, sempre estabelecendo relações com o contexto social e familiar dos educandos. É necessário que o educador saliente esses e outros aspectos relevantes, sempre fazendo a explanação de forma exemplificada, para que os aprendizes tenham subsídios para efetuarem uma boa análise.

No terceiro e último momento, como produção final, objetiva-se instigar os aprendizes a produzir um vídeo, de até dois minutos, seguindo os modelos mostrados. Essa produção considera a rede temática escolhida em consonância com a proposta de trabalhar variação linguística na escola. O trabalho será desenvolvido em pequenos grupos (duplas ou trios), que podem ser divididos conforme as semelhanças de habilidades citadas no primeiro momento, a fim de que o ponto de equilíbrio seja alcançado com mais facilidade, pois cada grupo deverá



discutir para chegar a um consenso a respeito de alguma atividade que todos eles saibam fazer e que acham importante de ser partilhada com a comunidade escolar.

Os vídeos poderão ser produzidos no horário extraclasse ou em uma data determinada pelo docente. É importante ter em foco o objetivo central do gênero que é instruir, descrever ações, e que esse gênero, nos domínios orais de linguagem, consente certa maleabilidade nos usos de língua, permitindo que o enunciador utilize de estruturas mais coloquiais. Dessa forma é pertinente ressaltar a importância de instruir os alunos a não utilizar como base um texto escrito no momento da gravação do vídeo, mas que faça uso de manifestações espontâneas de língua, além de deixar claro também que cada gênero textual tem como característica uma forma de utilização de linguagem, portanto, há momentos em que é necessário utilizar uma linguagem mais polida e outras, como o gênero mobilizado no vídeo no qual as estruturas coloquiais são permitidas.

Após as produções dos vídeos, os alunos poderão ser encaminhados para o site do projeto, que oportuniza a qualquer pessoa o compartilhamento do seu jeito de aprender, desde que siga a mesma linha de raciocínio dos outros trabalhos já realizados e que tenha no máximo dois minutos de duração.

Na primeira amostra de vídeos, em sala de aula, é interessante propor a análise das variantes linguísticas empregadas pelos próprios educandos, pois muitos deles somente conseguirão perceber as suas próprias mobilizações variáveis, no momento em que “assistirem-se” de maneira crítica. É possível também fazer, para cada estudante, uma pauta com aspectos a serem levados em conta na análise do próprio vídeo e do vídeo dos colegas, adotando as mesmas denominações e estruturas utilizadas na investigação dos vídeos no segundo momento da presente proposta.

Ressalta-se por fim que a finalidade dessa proposta de intervenção é fazer com que os estudantes reflitam, de forma crítica, a respeito da heterogeneidade da língua, da existência das variações linguísticas, em qualquer esfera social, e que é importantíssimo respeitá-las, pois são essas peculiaridades que constroem a identidade de cada falante, à medida em que esse contínuo de variantes estabelecem-se além da língua, em consonância com o domínio social. De forma alguma deve ser uma maneira de suscitar preconceito, mas sim, uma oportunidade de desenvolver valores e experiências com o diferente.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um trabalho com a língua baseado nos princípios da Sociolinguística Educacional considera a importância de um ensino de Língua Portuguesa pautado não somente nas questões linguísticas, mas também nos fatores extralinguísticos, pois estes agregam muito ao ensino, por compreender exatamente a perspectiva de que a língua não é estática, pelo contrário, é viva, é veículo de comunicação. A Sociolinguística está profundamente relacionada ao ensino de língua por possibilitar e sugerir que o trabalho seja realizado tendo como enfoque central o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, através dos mais diversos gêneros textuais.

A reflexão aqui apresentada procurou mostrar a necessidade de o professor de língua, a partir dos pressupostos da Sociolinguística, se tornar sensível às mobilizações de linguagem, sendo um mediador dos fenômenos da variação, buscando a todo tempo adotar posturas condizentes com a realidade social e também aprofundar-se nos estudos que fundamentam e refletem sobre essas frentes.

A proposta de intervenção foi elaborada com a finalidade de propiciar ao educador um direcionamento acerca de como a variação linguística pode ser abordada em sala de aula de maneira significativa, respaldando-se pelos pressupostos advindos do embasamento teórico, principalmente dos princípios norteadores pré-estabelecidos e também dos documentos que regem a realidade escolar. Ao final, entende-se que a teoria e a prática estabeleceram um vínculo muito interessante na proposta e também na análise do *corpus* basilar. Este por sua vez, agregou muito no desenvolvimento deste trabalho, pois permitiu que exemplos claros do quão válida é a perspectiva dos contínuos de análise das variedades, fossem visualizados e analisados.

A proposta de intervenção advém de uma temática central, e tem como propósito oportunizar momentos de reflexão, de discussão e de aprendizagem colaborativa, agregando os pressupostos da Sociolinguística Educacional, principalmente em relação às variáveis linguísticas, além de possibilitar o fazer, através do engajamento em uma atividade.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteira*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2004, v. 1. p. 21-47.



BAGNO, Marcos. A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística. In: BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNE, Gilles. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002, p. 13-84.

_____. Por uma Sociolinguística militante. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004a., p. 7-10.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004a.

_____. A Sociolinguística na escola. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 56^a, Jul. 2004b, Cuiabá, MT. *Anais*. Disponível em: < http://www.sbpcnet.org.br/livro/56ra/banco_conf_simp/textos/StellaRicardo.htm>. Acesso em: 25 ago. 2015.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteira*. 8^a ed. São Paulo: Cortez, 2008, v. 1. p. 49- 75.

COMO FAZER PIPOCA DOCE. [S.l.], [2014]. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=RvWLMHko_wE>. Acesso em: 25 ago. 2015.

COMO FAZER SUCO VERDE. [S.l.], [2014]. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=XD-geYBi6gQ>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

COMO MONTAR UMA RÁDIO. [S.l.], [2014]. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ubwH4MeSRR0>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

DELORS, Jacques. Compreender o mundo, compreender o outro. In: _____. *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, 1998, p. 47-50.

_____. Os quatro pilares da educação. In: _____. *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, 1998, p. 89-101.

FREITAS, Rosângela Durão de. *Aprendizagem Colaborativa*. [Rio de Janeiro], 2009. Disponível em: < <http://www.psicologarosangeladuraodefraitas.jex.com.br/psicologa/aprendizagem+colaborativa>>. Acesso em: 25 out. 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e escrita. *Revista Signótica*, Goiás, v. 9, 1997, n. 1, p. 119- 145. Disponível em: < <http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/7396/5262>>. Acesso em: 30 mai. 2014.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Coord.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

UPFTV- ESTÚDIO MÓVEL EM PASSO FUNDO. Reportagem Raquel Tramontini. Imagens Moacir Prestes. Passo Fundo, RS: UPF TV, 09 out. 2014. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=eVlziXjsWcQ>> Acesso em: 25 ago. 2015.



Data de recebimento: 25/08/2015

Data da aprovação: 22/08/2016